

# **O CAPITAL-IMPERIALISMO COMO FORMA DE DISCURSO DOS EDUCADORES DO SÉCULO XX: O CASO DO EDUCADOR PASCHOAL LEMME**

*Daniel Luiz Poio Roberti<sup>1</sup>*

## **Introdução**

A divisão internacional do trabalho (D.I.T) trata de separar o mundo em países consumidores e produtores de matérias-primas minerais, vegetais e bens industriais. Mesmo os países com grandes aglomerados humanos de exclusão (HAESBAERT, 2006) e com pouca oferta de produtos primários participam de alguma forma da D.I.T, pois fazem parte do comércio mundial. Estes países estão inseridos de uma maneira marginal ao sistema-mundo moderno colonial, imposto pela longa história de colonização dos grandes estados-nacionais europeus e por fim pelos Estados Unidos da América (SANTOS, 2000; SOUSA SANTOS, 2001; LANDER, 2005, GONÇALVES, 2006; WALLERSTEIN, 2007).

A D.I.T não é só formada pelo aspecto econômico que envolve a relação comercial entre os países do mundo. Há o processo de construção do pensamento dominante que forja a identidade dos grupos hegemônicos e subalternizados. Concordando com Gramsci (citado por KONDER, 2002), que uma superestrutura prescinde de uma estrutura, ou seja, o caráter econômico comercial entre os países facilita a consolidação de um pensamento dominante que se torna um ideário de aceitação de visões fragmentadas sobre o mundo. Nós nos apoiamos nas análises de Fontes (2010) que

---

<sup>1</sup> *Licenciado em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Mestre em Educação pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT/Lisboa). Atualmente é professor de Geografia da rede estadual de ensino do Rio de Janeiro, professor-substituto na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) da disciplina Ensino de Geografia aplicado ao ensino fundamental das séries iniciais e a educação de jovens e adultos e doutorando do programa de pós-graduação em Educação da UFF. E-mail: daroberti@yahoo.com.br*

adota o conceito de capital-imperialismo não só para explicar as relações econômicas pelos seus próprios fins, mas como um processo que atinge todas as dimensões humanas. Fontes (2010), a partir de Marx acredita que o capitalismo deveria ser compreendido como uma forma datada na história que organiza as relações sociais, sobrepondo o “econômico como sua dimensão central, como se fosse o móvel e o fulcro da existência humana” (FONTES, 2010, p. 305 *citado por* RUMMERT, ALGEBAIL; VENTURA, 2011, p. 2).

A análise que fazemos em torno deste trabalho leva em conta a questão do capital-imperialismo e a sua relação com a educação, considerando sempre a imbricação entre superestrutura e estrutura (MENDES, 1987). Nós nos propusemos pesquisar o sentido de permanência histórica das discussões que envolvem a subalternização e a dependência do Brasil em relação às questões educacionais no sistema-mundo moderno colonial.

## **1. Metodologia**

Selecionei, previamente, os educadores do século XX que mais se aproximavam de um pensamento crítico da influência dos países centrais do capital-imperialismo em relação aos assuntos relativos à educação brasileira. Entre os educadores, alguns nomes que apareceram em um primeiro momento da investigação, foram Paschoal Lemme, Florestan Fernandes, Paulo Freire e Dumerval Trigueiro. Neste primeiro passo da pesquisa, em que chamamos de alinhamento dos teóricos da educação, não levamos em conta o tempo, ou seja, o quando eles escreveram, mas como eles justificavam os problemas educacionais brasileiros.

Desde os anos 30 do século passado, o educador Anísio Teixeira já falava que a educação seria um reflexo da sociedade<sup>2</sup>. “As escolas são como os romancistas, também acusados de corromperem a sociedade. Elas, como eles, refletem, tão somente, o que já

---

<sup>2</sup> O movimento da Escola Nova teve grande repercussão no Brasil, principalmente, nos anos de 1930, formando uma corrente com vários intelectuais. Mas, interpretações dos finais dos anos 80 (LIBÂNEO, 1990; SAVIANI, 1985) do último século, reduziram a diversidade teórica dos escolanovistas.

vai pela própria sociedade” (TEIXEIRA, 1968). Mas, o educador Paschoal Lemme<sup>3</sup> foi um dos primeiros intelectuais a ultrapassar o pensamento liberal vigente nas discussões das questões educacionais brasileiras. Segundo Lemme (2004, p.99), citando o discurso de advertência do líder revolucionário mexicano Benito Juarez,

ainda que se multipliquem as escolas, e os professores sejam bem pagos, sempre haverá escassez de alunos, enquanto exista a causa que impede a assistência à escola... Essa causa é a miséria geral... O homem que não pode dar alimento à família vê a educação dos filhos como obstáculo à sua luta diária pela subsistência... Elimine-se a pobreza... e a educação seguirá em forma natural... (citado pela Revista do Clube Militar do Rio de Janeiro, n. 89, p. 28, maio/jun. 1948).

Florestan Fernandes e Paulo Freire foram dois intelectuais contemporâneos, ou seja, o pensamento destes autores refletiu a marca do mesmo tempo e espaço passados. As principais discussões da época em que esses autores começaram a escrever, por volta dos anos 50 do século XX, faziam referência ao processo de globalização vigente. O capitalismo monopolista dos países centrais estava sendo exportado às nações recém-descolonizadas. As empresas multinacionais dos EUA e dos países ricos da Europa ocidental expandiram-se até os mercados consumidores das novas nações da África, América Latina e Ásia. Tanto Fernandes como Freire fizeram análises referentes à inserção do Brasil na nova D.I.T.

Florestan Fernandes fez uma importante constatação baseado na análise sobre a relação de poder que integra as sociedades heterônimas aos centros de dominância da expansão econômica capitalista (LIMOEIRA-CARDOSO, 2005). Segundo Fernandes (1995, p. 139, citado por LIMOEIRO-CARDOSO, 2005, p. 11), “a dominação econômica, sociocultural e política inerente ao imperialismo torna-se uma dominação total, que opera a partir de dentro dos países neocoloniais e dependentes e, ao mesmo tempo, afeta em profundidade todos os aspectos de sua vida econômica, sociocultural e política.”

Paulo Freire, no ano de 1958, participou de um congresso de educação na cidade do Rio de Janeiro em que apresentou um importante trabalho sobre os fundamentos da sua

---

<sup>3</sup> O pensamento liberal vigente que me refiro aparece no movimento da Escola Nova dos anos 30 em que Paschoal Lemme fez parte, mas que ele não deixou de tecer críticas a esse ideal liberal dos escolanovistas.

proposta de alfabetização de adultos e fez uma análise profunda sobre a história da sociedade brasileira. Este ensaio foi lançado com o título *Educação como prática da liberdade*, em uma primeira edição datada do ano de 1967. Neste livro, Freire dizia que a sociedade brasileira da segunda metade do século XX estava em trânsito, em mudança, adotando um modelo urbano-industrial.

O ponto de partida do nosso trânsito foi exatamente aquela sociedade fechada a que já nos referimos. Sociedade, acrescente-se, com o centro de decisão de sua economia fora dela. Economia, por isso mesmo, comandada por um mercado externo. Exportadora de matérias-primas. Crescendo para fora. Predatória. Sociedade reflexa na sua economia. Reflexa na sua cultura. Por isso alienada. Objeto e não sujeito de si mesma. Sem povo. Antidialógico, dificultando a mobilidade vertical ascendente. Sem vida urbana ou com precária vida urbana. Com alarmantes índices de analfabetismo, ainda hoje persistentes. Atrasada. Comandada por uma elite superposta a seu mundo, em vez de com ele integrada. (FREIRE, 2011a, p.55)

Outro intelectual da história da educação que fez uma crítica à dependência brasileira em relação aos projetos pedagógicos oriundos dos centros hegemônicos mundiais de poder foi Dumerval Trigueiro. Este educador fez uma análise do período da redemocratização brasileira após a ditadura militar (1964-1985) em fins dos anos 80 do século passado, apontando que “o governo evita, deliberadamente, o projeto político e pedagógico, já que os países hegemônicos, por exemplo, os EUA, influem, explícita ou implicitamente na educação brasileira, isto é, num país dependente” (MENDES, 1987, p.4).

A partir da análise dos ensaios e da historiografia desses educadores do século XX, reduzimos a nossa amostra de pesquisa a um intelectual. Ele escreveu sobre a falta de pioneirismo brasileiro para resolver os seus próprios dilemas educacionais. Optamos pelo educador Paschoal Lemme, porque ele é o menos conhecido entre os intelectuais anteriormente citados<sup>4</sup> e antecipa uma série de discussões travadas nos dias de hoje, envolvendo uma leitura marxiana da educação brasileira.

---

<sup>4</sup> São poucas pesquisas que se debruçaram em estudar o pensamento de Paschoal Lemme. Podemos citar algumas obras produzidas por Kastelic e Machado (2013) e pelo próprio Lemme (1953; 2004) que contribuíram para divulgar as ideias do intelectual.

Mapeamos para identificar o lugar dá onde esse autor construiu o seu discurso, porque acredito na relação direta entre o pensamento, o contexto histórico e de onde se fala. Por isso, divido a pesquisa em três partes: vida e obra do educador, contexto histórico da produção intelectual e a apresentação do seu pensamento.

## **2. Vida e obra de Paschoal Lemme**

Paschoal nasceu no dia 12 de novembro de 1904 na cidade do Rio de Janeiro e morreu no ano de 1997. Filho de uma família de classe média em que a mãe, de origem portuguesa, era professora e o pai, descendente de italianos, era dentista. Foi casado com uma também professora do ensino primário, Carolina, com quem teve 5 filhos. Lemme, em sua vida toda de discente, frequentou estabelecimentos públicos de ensino. Recebeu a primeira nomeação para o ensino público do distrito federal no ano de 1924, durante a administração do prefeito Pedro Ernesto. Começou a lecionar Matemática na Escola Profissional Visconde de Cairu e ao mesmo tempo frequentava as aulas da Escola Politécnica, na qual anos mais tarde, abandono-a por não conciliar com o papel de funcionário da Instrução Pública da capital federal na época da implantação da Reforma Fernando de Azevedo. Não se graduar em curso superior (Engenharia) no seu país, deixaria Paschoal muito frustrado. Lemme recebeu uma proposta que mudaria a sua vida em meados de junho de 1928. Um convite para se tornar assistente do Subdiretor Técnico do Distrito Federal. O que o fez brincar com a situação, dizendo que:

Até então sempre exercera o magistério como "soldado raso", propenso a menosprezar as atividades de administração, talvez pelos vícios em que a burocracia do ensino mergulhara. Julgava que educação e ensino eram tarefas de professores, de educadores e não de burocratas (LEMME, 2004, p. 31).

Mesmo receoso de perder a independência e a liberdade crítica, como o próprio Paschoal disse: “pelo meu temperamento voltado sempre para a oposição e o inconformismo” (2004, p. 31). Lemme aceitou o cargo e passou a fazer parte de um dos órgãos públicos vinculados a Instrução Pública Federal que naquela época era chefiada

por Fernando de Azevedo. O cargo em que Paschoal Lemme foi nomeado no governo do Distrito Federal foi por ele descrito como “primeiro assistente do primeiro serviço técnico criado com essa denominação específica numa administração de ensino no Brasil, mais precisamente, da capital do País” (LEMME, 2004, p. 31). E como disse Paschoal em sua autobiografia: “E assim minha vida profissional iria tomar um novo rumo que não deveria ser mais abandonado” (LEMME, 2004, p. 31). Lemme (2004, p.33) vai ter a oportunidade de ser “colaborador daqueles homens, todos professores e educadores de renome, que empreendiam a primeira grande reforma de ensino no Brasil”.

O cargo público de assistente do Subdiretor Técnico foi criado, assim como toda a Subdiretoria Técnica, que fora chefiada por Jônatas Serrano. A Subdiretoria Técnica era um órgão municipal criado para dar suporte técnico a Instrução Pública Federal num momento de amplas reformas políticas na educação que foram empreendidas pelo diretor geral desta instituição. As reformas se propuseram a mudar um panorama educacional que se arrastava desde o Império no qual o ensino primário atingia “pouco mais da metade das crianças em idade escolar” (AZEVEDO, 1971, *citado por* LEMME, 2004) e os cargos públicos de ensino eram preenchidos através de contratos adotados pelas políticas do clientelismo.

O cargo de assistente não tinha nada de burocrático, como, primeiramente, pensou Paschoal (LEMME, 2004), ele participou de incontáveis comissões de professores que discutiam a nova reforma da educação no Distrito Federal empreendida por Fernando de Azevedo (Lei nº 3.281, de 23/1/1928). Segundo o próprio Lemme (2004, p. 33), “essas atividades criadoras prolongavam-se, às vezes, até altas horas da noite, e era essa outra característica marcante do trabalho completamente antiburocrático, anti-rotineiro, que ali se realizava”.

O subdiretor técnico e seu auxiliar, respectivamente, Jônatas Serrano e Paschoal Lemme ficaram incumbidos pelo recrutamento do pessoal para os cargos efetivos criados a partir da Reforma Fernando de Azevedo (1927-1930) no ensino do Distrito Federal. Os cargos foram preenchidos através de concursos públicos.

Era preciso redigir os editais, preparar os programas, convidar as bancas examinadoras, fiscalizar a realização das provas, esclarecer as dúvidas que surgiam frequentemente, e, ao final, informar os muitos recursos que candidatos reprovados ou que se julgavam prejudicados pelos resultados das provas interpunham à autoridade superior contra a deliberação dos examinadores (LEMME, 2004, p.36).

A formação acadêmica de Paschoal se deu a partir da prática do seu trabalho cotidiano como colaborador da Reforma de Fernando de Azevedo e pela filiação a partir do ano de 1926 à Associação Brasileira de Educação (ABE), principal fórum de debates sobre os preceitos pedagógicos da Escola Nova.

Em 1930, Lemme foi nomeado por Fernando de Azevedo, como vice-diretor da Escola de Comércio Amaro Cavalcante e no mesmo período acumulou o cargo de professor de Matemática do curso noturno dessa escola.

Com a Revolução de 1930, fim da República Velha e instauração da República Nova, os colaboradores do antigo governo foram perseguidos. Paschoal Lemme, então vice-diretor de escola, foi acusado de irregularidades no processo de aquisição de máquinas e equipamentos diversos, por ocasião da instalação da unidade educativa. Segundo o mesmo Paschoal (LEMME, 2004), essa e outras acusações à antiga equipe que formava a Diretoria Geral de Instrução Pública da capital federal eram retaliações impostas pelos opositores da Reforma de Ensino de Fernando de Azevedo (1927-1930). Lemme foi demitido dos dois cargos públicos pelo interventor federal na capital de república e retornou a exercer o único cargo efetivo de que dispunha: professor adjunto de segunda classe. Ele foi transferido para uma escola primária no subúrbio de Bangu.

Paschoal teve uma breve participação no governo que se instaurou com a República Nova, passando por uma comissão responsável por resolver problemas educacionais, ligada ao Ministério de Educação e Saúde (1930).

Entre os anos de 1931 e 1933, fundou uma escola com os preceitos da pedagogia ativa em associação com a Profa. Julieta Arruda. A escola não teve o número de matrículas esperado pelos seus donos e depois de 2 anos de funcionamento foi fechada. Lemme chamou o Instituto de Educação de “ilusão perdida” (2004), pois ele havia depositado

tantas esperanças nesta escola privada que pudesse discutir os novos métodos da pedagogia moderna.

Um dos movimentos mais importantes da educação brasileira na década de 30 do século passado foi a 4ª Conferência Nacional de Educação, no ano de 1931, na cidade do Rio de Janeiro, em que Paschoal Lemme teve uma participação como relator. O título da conferência foi *As grandes diretrizes da educação popular*. O encontro foi presidido por Getúlio Vargas, então presidente do governo provisório do Brasil e do Ministro da Educação e Saúde, Francisco Campos. Eles convocaram este encontro com a intenção de definir um sentido pedagógico para a Revolução de 30 (LEMME, 2004). Esta conferência inspirou a assinatura no ano de 1932 do documento chamado “A reconstrução educacional no Brasil. Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova” em que Fernando de Azevedo e Paschoal Lemme foram signatários.

Entre os anos de 1931 e 1935, Anísio Teixeira assume o cargo de diretor da Instrução pública da capital federal. Paschoal Lemme teve um contato muito próximo com o diretor, pois assumiu vários cargos no governo da capital nesta época. O educador carioca chegou a ser assessor de Anísio Teixeira. Paschoal teve a função de preparar as escolas técnico-secundárias para a reforma empreendida por Teixeira e depois organizou cursos de extensão e aperfeiçoamento voltados para o público de adultos. Esta última função que Lemme desempenhou por quase 3 anos o levou a ser perseguido político no Estado Novo. Ele foi acusado de organizar cursos para os operários da União Trabalhista.

Dito pelo próprio Paschoal (LEMME, 2004), a experiência de conviver com Anísio Teixeira oportunizou momentos de grandes debates ideológicos entre os dois, pois o educador baiano seguia o pragmatismo norte-americano. Ele acreditava na educação como redentora de todas as mazelas socioeconômicas da sociedade e o Paschoal, já partidário dos preceitos marxianos, acreditava na luta de classes para transformação da sociedade e da educação.

Lemme participou da produção do manifesto no ano de 1934, “A Reconstrução Educacional no Estado do Rio de Janeiro” e “Os Inspetores de Ensino do Estado do Rio



de Janeiro ao Magistério e à Sociedade Fluminense”, documento que denunciava a perseguição política porque passavam os inspetores regionais do ensino no Estado do Rio de Janeiro (LEMME, 2004).

Paschoal ficou preso entre os anos de 1936-1937 em função do levante militar de tomada de poder no ano de 1935 que se constituiu no golpe de estado antidemocrático no ano de 1937. Após sair do cárcere, Paschoal passou no concurso para provimento do cargo de técnico em educação pelo Ministério da Educação no ano de 1938.

Entre os anos de 1939-1940, Paschoal conseguiu uma bolsa de estudos para realizar sua graduação em educação na Universidade de Michigan nos EUA.

Em 1952, assumiu o cargo de professor de ensino na Escola Normal de Niterói, na cadeira de História e Filosofia da Educação.

Em 1953, Paschoal publicou o seu principal trabalho com o título *Estudos de Educação*, a partir do documento oriundo de sua efetiva participação na 10ª Conferência Nacional de Educação, realizada no Rio de Janeiro no ano de 1950. Este trabalho apresentou um grande amadurecimento intelectual do educador em que criticava a posição dominante da ABE em relação ao “otimismo pedagógico” que fazia com “que acreditassem que reformas de educação e ensino seriam os motores fundamentais das transformações econômicas, política e sociais” no país (LEMME, 2004, p.99).

No ano de 1963, Paschoal foi excluído do Conselho Diretor da ABE, associação que o intelectual era sócio desde 1926. Ele se filiou dois anos depois de sua fundação. O episódio de seu afastamento nunca foi entendido pelo educador, mas no ano de 1980, ele foi convidado a participar do Conselho Vitalício da associação. Aceitou com reticências o convite, devido ao sua idade avançada e o seu estado de saúde (LEMME, 2004).

### **3. O contexto cultural e o pensamento da época**

Paschoal Lemme disse em sua autobiografia (LEMME, 2004) que sua família era de origem humilde, pai calabrês garibaldino enfrentou muitas dificuldades desde jovem em

terras estranhas para se qualificar tanto culturalmente e profissional num curso superior e sua mãe teve 12 filhos e tentou ser professora primária. Ambos eram bastantes críticos em relação aos principais fatos políticos brasileiros. Este tipo de comportamento acabou influenciando a formação do caráter do Paschoal, no que ele próprio identificou como traço de sua personalidade que permaneceu até o final de sua vida:

Duas características, segundo me parece, foram sempre dominantes em minha personalidade: uma forte tendência para a oposição, para a contestação, e um marcado sentimento de repulsa à injustiça ou à humilhação, feitas a mim ou a quem quer que fosse, em minha presença, ou de que viesse a tomar conhecimento (LEMME, 2004, p. 175).

Paschoal participou de movimentos na educação de suma importância na história brasileira de todo o século XX e foi atravessado por acontecimentos históricos tanto nacionais quanto internacionais que o fizeram adotar determinadas opções políticas.

Paschoal fez uma análise da gênese do capitalismo que para ele entra ciclicamente em colapso, para explicar os principais acontecimentos que se arrolaram na história mundial em meados do século XX, como a 1ª Guerra Mundial e a Revolução Russa.

Sobre as causas determinantes dessa situação, já não há um acordo tão completo, mas, para mim, a corrente de opinião que mais se aproxima da verdade histórica é aquela que afirma que a origem fundamental da deflagração desse processo, foi a luta que veio se travando, desde aquele acontecimento, entre o regime econômico, político e social denominado capitalismo, prevalecente nas áreas mais desenvolvidas do mundo, e o novo, que se estabeleceu na Rússia, naquele ano de 1917, denominado socialismo (LEMME, p.178).

A matriz de pensamento marxiana acompanhou Paschoal desde os tempos em que ele fez parte da administração Anísio Teixeira da educação na capital federal (1931-1935). Lemme travou intensos debates nos tempos em que foi secretário de governo do educador baiano, demonstrando um amadurecimento de pensamento em relação à fase da assinatura do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova em 1932.

Após a 1ª Guerra mundial, o mundo passou por grandes transformações que tiveram fortes influências na política do Estado brasileiro. A década de 1920 foi de intensas

revoltas contras as oligarquias atrasadas que controlavam a política brasileira. Os reflexos destes descontentamentos resultaram nas grandes greves operárias, os movimentos tenentistas de 1922 e 1924 e a eclosão da Revolução de 30. Foram movimentos que tiveram repercussões para além do campo político e social, atingindo os ditames da educação nacional. Um dos reflexos desses movimentos dentro da educação foi o grande debate entre as Diretorias Gerais de Instrução Públicas e as Assembleias dos estados brasileiros. Cada estado estava implementando a sua reforma política de educação.

Desde 1920, em várias das unidades federadas, começaram a surgir as primeiras reformas estaduais de ensino, impulsionadas não somente pelos anseios de tirá-la dos velhos padrões que remontavam aos tempos do Império e até mesmo do Brasil-Colônia, como também, por influência das novas idéias que nos chegavam da Europa e dos Estados Unidos, após a Grande Guerra Mundial e que constituíram o movimento conhecido pela denominação genérica de "Escola Nova" (LEMME, 2004, p.59-60).

Paschoal foi um dos 26 signatários do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova de 1932. Foi o mais novo educador e o último a morrer de todos os que assinaram o famoso documento. Ajudou a implementar o ideal da pedagogia moderna nas duas reformas da política da educação do Distrito Federal nos anos 30 do século XX (Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira), mas também foi o “pioneiro” que mais se afastou do pensamento liberal hegemônico dos escolanovistas. Segundo o mesmo Lemme em sua autobiografia (2004, p.123-124),

nesse período, ainda acreditava, como a maioria dos educadores, nas virtudes das reformas da educação e do ensino como fatores fundamentais da transformação social, que todos desejávamos para tirar nosso País do estado de subdesenvolvimento, causador das situações mais negativas em que vivia o povo brasileiro. Aos poucos, porém, fui compreendendo a ingenuidade dessas crenças, pois o que me faltava antes "era a compreensão de que a luta para libertar a educação e a luta para democratizar a vida econômica estão inseparavelmente ligadas.

Quando Lemme foi assistente na administração de Anísio Teixeira (1931-1935) à frente da Diretoria Geral de Instrução Pública, o educador carioca teve mais contato com o pensamento da escola progressista norte-americana de Anísio.

Lembro-me, a propósito, que, certa vez, discutindo com Anísio o problema da igualdade de oportunidades, "o sonho da educação norte-americana", acabei concluindo que sua filosofia de educação, inspirada nas idéias de John Dewey, pressupunha uma sociedade homogênea, sem classes, retratada naquela imensa classe média norte-americana, tão igual em seus hábitos, idiosincrasias e aspirações. E ele concordava e estava sendo fiel à doutrina do mestre de Columbia (LEMME, 2004, p. 113).

Mas o intelectual Paschoal Lemme não acreditava em uma sociedade sem classes no Brasil, pois a luta de classes sociais prescinde uma sociedade sem classes; na verdade, ele tinha fé em um tempo que superaríamos a sociedade de classes antagônicas, para uma que resolveria o seus problemas a partir da solidariedade e da autogestão democrática.

Lá pelos idos de 1933 e 1934, eu já vinha fazendo clara opção pelas teses fundamentais da filosofia denominada marxista, especialmente nos aspectos que considerava como um verdadeiro humanismo: a liquidação da exploração do homem pelo homem e a previsão para a humanidade de um regime político, econômico e social que proporcionasse a todos maiores oportunidades de usufruírem todos os bens materiais e culturais criados pelos próprios homens. Comecei a compreender, porém, que isso somente se realizaria no final de um longo processo de lutas encarniçadas, conforme já vinha ocorrendo através dos séculos, desde a dissolução das sociedades primitivas, sem classes, e a instauração da sociedade de classes antagônica, pela denominação de umas sobre outras. Concordava assim com as teses marxistas de que o capitalismo, tal como outros regimes de classes, estava condenado a desaparecer em virtude de suas próprias contradições internas, e que o homem, afinal, conseguiria estabelecer um regime político, econômico e social, de verdadeira justiça social, no qual cada um contribuiria com seu esforço para o bem comum e receberia em retribuição, da sociedade, assim organizada em bases realmente democráticas, todos os elementos necessários para se desenvolver com a dignidade desejada de verdadeiros seres humanos (LEMME, 2004, p.110-111).

Além de aderir ao marxismo para explicar o modelo de educação de sociedade de classes antagônicas, Paschoal se aproximou do pensamento de Max Weber (2004) para

desenvolver sua tese sobre as diferenças entre a escola primária norte-americana, defendida por Teixeira, e a nossa escola “cabloca”<sup>5</sup>.

E o modelo dos sistemas escolares capazes de realizar essa democratização da sociedade era o que fora criado e desenvolvido pelos nossos grandes vizinhos do norte. Esqueciam-se, porém, nossos educadores de que aquela organização fora resultante da tradição anglo-saxã luterana, em que a escola de ler e escrever era uma peça indispensável à existência das comunidades, cujos membros faziam daleitura e interpretação da Bíblia o elemento básico de sua formação. Enquanto que, em nossa tradição católica, a educação popular não tinha a mesma importância e a mesma condição de necessidade, e até se beneficiava com a existência de grandes massas de iletrados, mais dóceis e menos cétricos (LEMME, 2004, p.111).

#### **4. O “capitalismo dependente” no pensamento de Paschoal Lemme**

Escolhi este título de abertura para o novo capítulo, porque o próprio Paschoal Lemme destacou a importância do pensamento de Florestan Fernandes para entender a dependência econômica do Brasil em relação aos outros países do mundo. Mais do que a “dependência econômica”, o educador carioca deixa claro no livro homônimo *Paschoal Lemme: Memórias vivas de um educador*, que a influência de outros países sobre o Brasil atinge também a dimensão da cultura:

Mas, o aspecto mais grave desse processo, segundo penso, é o que se refere à cultura: a degradação de nossa música popular; o best-seller comercial, substituindo a verdadeira literatura; os “enlatados” do cinema e da televisão, mergulhando constantemente nosso povo e, lamentavelmente, nossas crianças, nos ambientes históricos e de costumes, que não são nossos, com o desprezo de nossas mais caras e autênticas tradições. Nossas crianças, através das histórias em quadrinhos, do cinema e da televisão, sabem muito mais dos costumes e dos heróis norte-americanos do que dos feitos mais significativos de nossa história nacional. E até os nossos marginais se inspiram e aprendem o crime e a violência nos filmes policiais ianques, repetidamente exibidos em nossos cinemas e na televisão... (LEMME, 2004, p. 116).

---

<sup>5</sup> Expressão que o próprio Paschoal usa recorrentemente em sua autobiografia (LEMME, 2004) com o intuito de expressar a nossa adaptação às ideias oriundas de outros países.

E a dependência de um país periférico, no caso o Brasil, em relação ao mundo moderno colonial que também atinge a dimensão política. Em sua autobiografia, Lemme (2004) fez inúmeras análises sobre a revolução de 30, criticando a política agroexportadora da República Velha que vivia a base de investimentos do capital externo. A revolução de 30 foi um movimento que entusiasmou e iludiu grande parte da população, pois a sociedade brasileira acreditava “que tinha chegado a hora de se construir uma nacionalidade livre e independente” (LEMME, 2004, p. 119).

Paschoal Lemme foi o relator da 10ª Conferência Nacional de Educação realizada no Rio de Janeiro, de 15 a 27 de novembro de 1950. A participação do intelectual gerou o único livro publicado pelo educador com o nome de *Estudos de Educação* no ano de 1953. Neste documento, Paschoal pela primeira se expõem nacionalmente contra o que ele chamou de otimismo pedagógico de parte dos educadores da ABE que acreditavam que a modernização da educação promoveria por si só as transformações sociais, políticas e econômicas reclamadas para o povo brasileiro. O intelectual carioca apresenta uma análise de base marxiana sobre a educação brasileira.

O pensamento de Paschoal sempre teve um lado contestador sobre a realidade brasileira que estava posta, seja analisando o pensamento dos Pioneiros da Educação ou a influência de atores internacionais sobre a formulação das políticas públicas nacionais. Mas apenas com o lançamento do seu livro, que suas ideias ficaram registradas/documentadas e ganharam alcance nacional. Apesar de Paschoal já ter tido o acesso à literatura marxiana em meados dos anos 30 do século passado<sup>6</sup>, o grande público de educadores brasileiros só conheceram suas análises marxianas sobre educação no 10ª Congresso Nacional de Educação e no lançamento de seu livro com o nome de *Estudos de Educação* nos anos de 1950. Nesse congresso Paschoal Lemme (2004, p.24) travou um debate<sup>7</sup> com o professor de educação comparada da Universidade de Columbia pelo famoso Ponto Quadro.

---

<sup>6</sup> Paschoal Lemme relata em sua autobiografia (2004) que teve acesso à literatura marxiana pelas mãos de seu amigo Alberto Carneiro Leão, irmão de Antonio Carneiro Leão, diretor da Instrução Pública do Distrito Federal no governo Arthur Bernardes.

<sup>7</sup> Na verdade esse debate não existiu, porque pela organização do Congresso, o palestrante, no caso o professor norte-americano, apenas fez uma apresentação e não pôde responder as perguntas nem réplicas. As reflexões de Paschoal Lemme sobre a palestra do professor Robert King Hall gerou um documento de

[...] o presidente Truman anunciou que o governo dos Estados Unidos está disposto a estudar sua assistência técnica e financeira aos governos dos países economicamente subdesenvolvidos, no intuito de cooperar para a elevação do padrão de vida desses países, assim promovendo a base econômica essencial às sociedades democráticas (em Educação e Cultura, órgão do Centro dos Técnicos de Educação do Ministério da Educação e Saúde, ano I, n. 1, p. 48, fevereiro de 1950).

Paschoal Lemme comentou sobre a ingerência norte-americana nas questões da política educacional brasileira. Ele fez uma observação sobre o motivo que levou o professor King Hall a não explicar a miséria dos países subdesenvolvidos que

em três séculos de contato com a Revolução Industrial, não conseguiram criar uma economia nacional auto-suficiente. Não disse que isso se deu justamente por causa da exploração colonial a que estavam submetidos pelas grandes potências que fizeram a Revolução Industrial, e agora oprimidos pelas nações imperialistas que, como os Estados Unidos da América do Norte, não permitem que se industrializem e criam um "famoso Ponto Quatro", para "ajudá-los" a continuarem como simples produtores de matérias-primas no interesse apenas dos parques industriais dessas nações" (LEMME, 2004, p.25).

Lemme não criticou apenas às posições do professor Robert King Hall proferidas nessa palestra, mas a estendeu ao Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP) que financiou a vinda do professor da Universidade de Columbia para lecionar cursos voltados a um público de professores rurais que foram submetidos a distorções e “uma desenfreada propaganda, verdadeira histeria, que procura insensibilizar o povo em relação aos crimes que seus líderes estão praticando, ou pretendem praticar, contra a liberdade, a paz e o progresso dos povos” (LEMME, 2004, p. 24).

E por fim, o educador carioca atenta para o fato de que as soluções para os nossos problemas não apenas apresentam posicionamentos de nossos intelectuais nem muito menos oriundas de outros com caráter sectário, mas quem quiser responder aos maiores dilemas nacionais precisa encarar esse desafio com “honestidade” e estudar “o

---

análise sobre a conferência que não foi aceita pela comissão da Redação dos Anais, mas que se transformou em um dos capítulos do único livro publicado pelo educador com o nome de *Estudos de Educação* no ano de 1953.

desenvolvimento histórico da humanidade, a verdadeira história do desenvolvimento econômico, social e político dos povos em geral e do Brasil em particular, não se deixando levar pela economia, sociologia, história ou filosofia” (LEMME, 2004, p.26) dos povos que estão no topo do sistema capitalista e que visam apenas “à conservação da ordem vigente, no interesse dos grupos estrangeiros ou nacionais a que servem, consciente ou inconscientemente” (LEMME, 2004, p. 26).

## **Conclusão**

Acreditamos que os traços da personalidade contestadora de Paschoal Lemme e os movimentos políticos que assolaram o Brasil e o mundo ajudaram a constituir a figura do intelectual que ele foi. O educador foi perseguido político pela ditadura Vargas e ficou preso por quase dois anos. Lemme se dedicou a pesquisar o ensino voltado para o público de adultos e as suas concepções teóricas vislumbravam uma nova educação para um novo homem.

Para este trabalho, a característica do pensamento do educador carioca que mais chamou a nossa atenção foi o uso da análise de bases marxistas sobre a realidade dos países periféricos ao capital-imperialismo, no caso mais profundo, no desenvolvimento de conceitos que explicassem a realidade da educação brasileira. A grande contribuição desse intelectual a gerações futuras de educadores brasileiros foi realizar análises que compreendiam a educação dentro de um sistema de disputas de classes.

O professor Paschoal Lemme tem uma vasta história dedicada a educação brasileira. Foi um educador que escreveu por quase 60 anos. Participou dos principais movimentos da educação brasileira. Do movimento dos Pioneiros da Escola Nova nos anos 30 da crítica a escola dualista e reprodutivista de classes nos anos 50. Mas o seu pensamento se tornou pouco conhecido/difundido no mundo acadêmico. Talvez, porque editou apenas uma obra ou mesmo foi intencionalmente esquecido por aqueles que detêm o poder de selecionar mártires dos movimentos educacionais brasileiros. Posto isto, fica a sugestão de maior aprofundamento teórico sobre o pensamento desse intelectual em possíveis monografias, dissertações, teses e planejamento de disciplinas dos programas de



graduações/pós-graduações que tenham intenção de discutir a história da educação brasileira.

### Referências bibliográficas

AZEVEDO, Fernando. *História de minha vida*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

FERNANDES, Florestan. *Em busca do socialismo: últimos escritos e outros textos*. São Paulo: Xamã, 1995.

FONTES, Virgínia. *O Brasil e o capital-imperialismo*. Teoria e história. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/UFRJ Editora, 2010.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *A globalização da natureza e a natureza da globalização*. São Paulo: Civilização brasileira, 2006.

HAESBAERT, Rogério. *Territórios Alternativos*. São Paulo: Contexto, 2006.

KASTELIC, Eloá; MACHADO, Maria Cristina. *Paschoal Lemme e as reformas educacionais de 1930: uma discussão sobre a formação de professores*. Disponível em: <[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos\\_frames/artigo\\_039.html](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_039.html)>.

Acesso em: 30 out. 2013.

KONDER, Leandro. *A questão da ideologia em Gramsci*. 2002. Disponível em: <<http://www.acesa.com/gramsci/?id=298&page=visualizar>>. Acesso: 12 mai. 2013.

LANDER, Edgardo. Ciências Sociais: Saberes coloniais e eurocêntricos. In: LANDER, E. (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. (Silva, J. C., trad.) Buenos Aires: Clacso, 2005.

LEMME, Paschoal. *Estudos de educação*. Rio de Janeiro: Livraria Tupã, 1953.

LEMME, Paschoal. *Paschoal Lemme: memórias de um educador*. 2. ed. Brasília: Inep, 2004.

LIMOEIRO-CARDOSO, Miriam. Sobre a teorização do capitalismo dependente em Florestan Fernandes. In: FÁVERO, Osmar. (Org.), *Democracia e educação em Florestan Fernandes*. Campinas: Autores Associados/EdUFF, 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. *Democratização da Escola Pública*. São Paulo: Loyola, 1990.

MARX, Karl. *Manuscritos econômicos-filosóficos*. 4. ed. São Paulo: Boitempo, 2010.

MENDES, Durmeval Trigueiro. Anotações sobre o pensamento educacional no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v. 68, n. 160, p. 493-506, set/dez. 1987.

RUMMERT, Sonia Maria; ALGEBAILLE, Eveline; VENTURA, Jaqueline. *Educação e formação humana no cenário de integração subalterna no capital-imperialismo*. Anais da 34ª Reunião Anual da ANPED. GT Trabalho e Educação. Natal, RN, outubro de 2011.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, Bouventura de Sousa. *Globalização-fatalidade ou utopia?* Porto: Afrontamento, 2001.

SAVIANI, Demerval. *Escola e Democracia*. 6. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1985.

TEIXEIRA, Anísio. *Pequena introdução à filosofia da educação: a escola progressiva ou a transformação da escola*. 5. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1968.

WALLERSTEIN, Immanuel. *O universalismo europeu: a retórica do poder*. (Medina, B., trad.). São Paulo: Boitempo, 2007.

WEBER, Marx. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.